



CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE NA EMERGÊNCIA HISTÓRICA DA LITERATURA INFANTIL: O CASO “CHAPEUZINHO VERMELHO”

Alice Vasconcelos Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: alice18vasconcelos@gmail.com

Fernando G. de Souza Neto
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: fernando.jandiroba@hotmail.com

Halysson F. Dias Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: halysson.uesb@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma breve discussão sobre as funções que a narrativa do conto “Chapeuzinho Vermelho” assumiu ao longo da história desde sua publicação entre os *Contes* de Charles Perrault (1697-1698), apontando para a mudança nos horizontes de expectativas de escritores e leitores. Pretende-se evidenciar com isso a oposição entre os conceitos coetâneos de civilização e barbárie implícitos na constituição semântica da narrativa nos séculos XVII e XIX, mas também em nossa contemporaneidade. O objetivo desse trabalho é identificar os motivos que levaram a história “Chapeuzinho Vermelho” a sofrer modificações no decorrer do tempo desde a compilação de Perrault. Desse modo, pretendemos expor as possíveis causas da constante renovação do conto em questão desde sua publicação nos *Contes* de Perrault.

Sabemos que os chamados contos de fada tiveram origem em narrativas populares partilhadas oralmente. Portanto, esses contos se tratam de narrativas tradicionais que passaram por diferentes reelaborações até assumirem a condição de narrativas escritas e, finalmente, destinadas a crianças. Antes de se tornarem clássicos infantis, e mesmo de circularem como textos “literários”, os contos de fada existiram como histórias que há séculos vinham sendo transmitidas oralmente de geração para geração. Perrault e, posteriormente, outros autores como os irmãos Grimm e Hans Christian Andersen reelaboraram essas histórias, concedendo-lhes novos sentidos e funções. Assim sendo, “esses nomes *não correspondem aos dos verdadeiros autores* de tais narrativas” (COELHO, 1991, p. 12).



METODOLOGIA

Intentamos, mediante uma abordagem crítico-historiográfica, que também se vale de categorias sociológicas, discutir as apropriações do conto “Chapeuzinho Vermelho” considerando duas de suas mais conhecidas versões, a de Charles Perrault e dos irmãos Grimm, a fim de analisar aspectos sociais e literários que suscitaram a transformação do conto com o passar do tempo. Desse modo, mobilizando referencial teórico e historiográfico, buscamos pôr em relevo a historicidade do conto em questão e dos sentidos específicos com base na leitura crítica de adaptações feitas em diferentes conjunturas históricas e, portanto, para públicos bem distintos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pela simples leitura da versão de Perrault, é possível observar que o conto da Chapeuzinho não se destinava exclusivamente a um público infantil. Ao contrário, tinha como principal objetivo alertar para as regras de conduta que deveriam ser seguidas pelo corpo social. Destinava-se, pois, a orientar os indivíduos quanto à observância dos decoros sociais vigentes na condução de suas vidas, demonstrando alegoricamente que quem não os respeitasse teria um triste fim, como é possível depreender pela leitura do conto na versão de Perrault. A expectativa era que o temor diante da possibilidade de um fim trágico motivasse o leitor a ter cautela em seu proceder, mantendo-o, desse modo, alerta quanto aos males que o descumprimento de certas convenções sociais acarretaria para esses indivíduos, à semelhança do que ocorre em “Chapeuzinho Vermelho”. Os contos de fada têm, portanto, em sua ampla difusão impressa na França do Antigo Regime, uma função moralizante, que compartilha com inúmeros outros gêneros praticados no período, a exemplo das fábulas (CAMBI, 1999; CHARTIER, 2004; COELHO, 1991). Como letrado extremamente ativo na corte francesa sob Luís XIV, sendo um dos mais célebres participantes da famosa *Querelle des Ancien et des Modernes* (DEJEAN, 2005), Perrault deu aos contos populares que compilou um tratamento erudito, adaptando-os aos interesses de seu próprio tempo.

Nessa sociedade de corte, os homens de letras estão comprometidos com o bem comum, com a promoção da Razão de Estado, com um sistema de representações e a celebração da imagem pública do monarca (ELIAS, 2001; BURKE, 2009). É possível



afirmar que os contos de fada estão a serviço do processo civilizatório de que tratou Norbert Elias (1994). Na luta contra o que então se associava à barbárie, os contos de fada funcionaram, ao lado de inúmeros outros gêneros letrados, como instrumentos civilizatórios. Tais narrativas foram paulatinamente incorporadas cada vez mais às práticas pedagógicas, sendo, com o tempo, transformados em literatura para crianças e instrumento didático no cada vez mais intenso processo de construção de uma educação moderna (CAMBI, 1999).

Os contos de fada não poderiam existir como “literatura infantil”, texto em tese “destinados a um público não adulto” (HUNT, 2012, p. 78), antes da ascensão da noção moderna de literatura, que somente se consolida a partir do século XVIII (COMPAGNON, 2001). Por outro lado, no século XVII, ainda não havia se difundido a concepção de criança que partilhamos hoje, pois esta foi construída historicamente. A criança era vista como um “adulto em miniatura” e ainda não eram idealizados produtos específicos voltados para esses indivíduos. Dessa forma, por não existir literatura infantil, os contos da tradição oral possuíam, em sua maioria, tons de obscuridade e brutalidade, tendo como alvo justamente um público “adulto” (ARIÈS, 2006). A partir da sociedade burguesa, observou-se que a literatura poderia ser explorada em prol do capital, ao perceber que cada vez mais o público buscava na leitura uma forma de entretenimento e fuga dos problemas do dia a dia. Nesse contexto, a criança passou a ter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de uma literatura e de produtos direcionados ao público infantil. Por conta disso, as obras precisavam ser mais suaves e fantasiosas, de modo que agradasse o novo público leitor. Para Franco Moretti, tomando como referência o romance europeu, a transformação da literatura na sociedade de consumo está diretamente ligada a uma transformação dos hábitos de leitura que levou os leitores ocidentais a “abrir mão de toda consistência, para estar sempre de alguma forma em contato com aquilo que o mercado tem a oferecer” (MORETTI, 2009, p. 209-210).

Com essa percepção de “sociedade de consumo” e tendência à criação de uma literatura mais “simples”, observa-se com os irmãos Grimm (1812) grande alteração no conto “Chapeuzinho Vermelho”. Nessa versão, não há mais a crueldade e o horror que a personagem sofreu ao infringir uma regra, mas sim o aprendizado da lição seguido pelo “final feliz”. Dessa maneira, busca-se alcançar o público infantil, apresentando um



enredo suavizado, menos brutal e mais convidativo, em que tudo acaba bem, fugindo da realidade de barbáries e provações que a sociedade propicia. Com o passar do tempo, fica evidente que muitas das releituras do célebre conto registrado pela primeira vez em texto impresso por Charles Perrault ficaram cada vez mais voltadas para uma felicidade utópica e ilusória percebida no livramento das personagens do que para a moral da história, inicialmente proposta na versão de Perrault, ainda que o seu componente moralizante não tenha sido efetivamente suprimido.

CONCLUSÕES

Portanto, entendemos que as principais modificações sofridas pelo conto “Chapeuzinho Vermelho” e por tantos outros, ocorreram em decorrência de diversos fatores, como, por exemplo, a necessidade de agradar o público leitor majoritário: a burguesia, que por sua vez, não ficaria satisfeita com a brutalidade e barbaridade dos ensinamentos presentes nas obras, preferindo um estilo que fugisse da “dureza” da sociedade e que abordasse uma realidade fantasiosa da vida social com finais felizes. Ou seja, uma obra com maior potencial de penetrabilidade e receptividade dos leitores, e principalmente dos leitores mirins, produziria maior consumo de literatura e, por consequência, maior lucro. É preciso ter em mente, ainda, que a alegada atemporalidade dos temas da literatura a que se refere Compagnon (2001) precisa ser problematizada quando temos em vista a historicidade das práticas letradas anteriores ao século XVIII, quando o conceito moderno de literatura não havia se estabelecido. Os temas dos contos de fadas, entre eles “Chapeuzinho Vermelho”, se tornaram “universais” nas apropriações que deles se fizeram.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Chapeuzinho Vermelho; Contos de Fada; Burguesia.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BURKE, Peter. *A Fabricação do Rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: UNESP, 1999.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

CHARTIER, Roger. *Leitura e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Brasília: UNB, 1994.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil e juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. São Paulo: Ática, 1991.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria. Literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos: as guerras culturais e a construção de um fin de siècle*. Tradução de Zaida Maldonado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. *O Processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 2v.

GRIMM, Irmãos. *Chapeuzinho Vermelho*. São Paulo: Cortez, 1985.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MORETTI, Franco. O romance: história e teoria. *Revista Novos Estudos – CEBRAP*, São Paulo, n. 85, p. 201-212, nov. 2009.

PERRAULT, Charles. *Contos de Perrault*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1994.